

Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950

1

The backlands on fire and the agrarian question: an analysis of journalistic texts by Milton Santos in the 1950s

El sertón en llamas y la cuestión agraria: un análisis de textos periodísticos de Milton Santos en la década de 1950

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Bárbara Santos

barbara012002@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Caicó – Rio Grande do Norte – Brasil

<https://orcid.org/0009-0006-4806-3600>

Thiago Adriano Machado

thiago.machado@ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Caicó – Rio Grande do Norte – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9416-8829>

Submetido em 09.08.2025

Aceito em 13.08.2025

Resumo:

A trajetória intelectual de Milton Santos é marcada não só pela sua atuação acadêmica, mas também técnica e jornalística. O objetivo desse trabalho é, portanto, recuperar artigos que Santos publicou no jornal A Tarde, na Bahia, no final dos anos 1950, nos quais trata dos espaços sertanejos do vale do rio Paraguaçu. Para tanto, realizamos uma análise textual da série de artigos nomeada Sertão em fogo, de forma a verificar: o modo como o autor representa os espaços sertanejos; a questão agrária e as relações sociais de produção identificadas; as capacidades de agência dos sujeitos sociais dominados; e a questão ambiental em torno dos modos de apropriação da terra e da natureza. Como resultado, consideramos que há uma indissociabilidade entre os textos jornalísticos e acadêmicos de Santos, além de compreender

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.



que o sertão é tratado como um gênero de vida associado ao Semiárido nordestino no qual vige um domínio senhorial que impõe pouca capacidade de ação aos dominados e onde prevalece um meio geográfico de baixo nível técnico, resultando em novos e antigos usos hostis à natureza. Reconhece-se, por fim, um elo entre sertão e cidade como espaços onde os homens lentos elaboram espaços de vida e resistência frente às verticalidades.

Palavras-chave: Milton Santos; sertão; formação socioespacial; rio Paraguaçu

Abstract:

Milton Santos' intellectual career is marked not only by his academic work, but also by his technical and journalistic work. Therefore, this paper aims to recover articles that Santos published in the newspaper A Tarde, in Bahia, in the late 1950s, in which he deals with the backlands of the Paraguaçu River valley. To this end, we conducted a textual analysis of the series of articles called Sertão em fogo (Backlands on fire), to verify: how the author represents the backlands; the agrarian issue and the social relations of production identified; the agency capacities of the dominated social subjects; and the environmental issue surrounding the modes of appropriation of land and nature. As a result, we consider that there is an inseparability between Santos' journalistic and academic texts, in addition to understanding that the backlands are treated as a way of life associated with the Northeastern Semiarid region, where a lordly domain prevails that imposes little capacity for action on the dominated and where a geographical environment of low technical level prevails, resulting in new and old uses that are hostile to nature. Finally, a link is recognized between the backlands and the city as spaces where "slow men" create spaces of life and resistance in the face of verticality.

Keywords: Milton Santos; hinterland; socio-spatial formation; Paraguaçu river

Resumen:

La trayectoria intelectual de Milton Santos está marcada no sólo por su trabajo académico, sino también por su labor técnica y periodística. El objetivo de este trabajo es, por lo tanto, recuperar los artículos que Santos publicó en el periódico A Tarde, en Bahía, a finales de la década de 1950, en los que se ocupa de los remansos del valle del río Paraguaçu. Para ello, realizamos un análisis textual de la serie de artículos titulada Sertão em fogo (El interior en llamas), con el fin de verificar: la forma en que el autor representa los espacios del interior; la cuestión agraria y las relaciones sociales de producción identificadas; las capacidades de agencia de los sujetos sociales dominados; y la cuestión ambiental en torno a las formas de apropiación de la tierra y la naturaleza. Como resultado, consideramos que existe una inseparabilidad entre los textos periodísticos y académicos de Santos, además de constatar que el sertão (interior) es tratado como un modo de vida asociado al nordeste semiárido, donde existe una dominación señorial que impone poca capacidad de acción a los dominados y donde prevalece un medio geográfico de bajo nivel técnico, lo que resulta en nuevos y viejos usos hostiles a la naturaleza. Por último, reconocemos un vínculo entre el sertão y la ciudad como espacios donde los hombres lentos crean espacios de vida y resistencia frente a la verticalidad.

Palabras-clave: Milton Santos; hinterland; formación socioespacial; río Paraguaçu

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.



Introdução

A presença do sujeito na obra de Milton Santos é evidenciada pela figura dos homens lentos, sujeitos sociais a quem o autor atribui papel privilegiado na construção de um novo período histórico. Excluídos dos benefícios da globalização, os homens lentos teriam a metrópole como espaço mais viável de resistência e de luta, usufruindo da “flexibilidade tropical” que as grandes cidades permitem ao combinarem horizontalidades e verticalidades em contraponto à rigidez normativa da agricultura globalizada e suas cidades agrícolas (Santos, 1996). A dimensão da corporeidade é incontornável às práticas espaciais desses sujeitos, caracterizados pelas suas “cidadanias mutiladas”, que fazem deles “desiguais institucionais”: negros, mulheres, migrantes etc. (Santos, 1987). Em contraponto a este recorte de um espaço político urbano e metropolitano da última fase da trajetória intelectual de Milton Santos, o presente trabalho tem por interesse explorar um material escrito na fase inicial de sua carreira, ao final da década de 1950, no qual o recorte espacial privilegiado são os sertões baianos e cujos sujeitos sociais destacados são agricultores sem-terra submetidos ao domínio de latifundiários.

Para tanto, o trabalho realiza uma análise textual de uma série de cinco artigos publicada por Milton Santos no Jornal A Tarde, o mais importante do estado da Bahia, entre 24 e 30 de novembro de 1959, a saber: i) Sertão em fogo I: Onde o homem vive de sol e de esperanças (Santos, 2019a); ii) Sertão em fogo II: Não se sabe a terra que tem – José de Américo, senhor feudal do século XX (Santos, 2019b); iii) Sertão em fogo III: Núcleo colonial de Andaraí é uma balela. Tudo está por fazer, salvo o organograma e os casquetes azuis (Santos, 2019c); iv) Sertão em fogo IV: Diamante ainda é estado de espírito – mas já começam a estragar a natureza os garimpeiros modernos (Santos, 2019d); v) Sertão em fogo V: lavouras sem água, lavradores sem terra abrem uma zona pioneira com os seus próprios meios (Santos, 2019e). Tais textos estão reunidos na coletânea organizada por Maria Auxiliadora da Silva e William Antunes (2019), na qual disponibilizam o rico material jornalístico produzido por Milton Santos nas décadas de 1950 e 1960, até seu exílio motivado pelo golpe militar em 1964.

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.



Desse modo, a análise textual está alicerçada em quatro questões: i) como o autor representa o “sertão”/os espaços sertanejos; ii) como a questão agrária é trabalhada a partir das relações sociais de produção e da disputa pela terra; iii) como os sujeitos sociais são representados e qual as suas possibilidades de agência na mudança das condições de dominação; e iv) como o autor discute a questão ambiental resultante dos modos de apropriação da terra e da natureza.

O trabalho tem como referencial teórico a interação entre os conceitos de “sertão” e “formação territorial/socioespacial”, de modo a ressaltar como o “sertão” é mobilizado enquanto categoria geográfica para lidar com as relações sociais de produção, a evolução dos meios técnicos e as relações socioecológicas. Assim, o texto é organizado da seguinte forma: além desta introdução, há um tópico para situar temporalmente a produção jornalística da primeira fase da trajetória intelectual de Milton Santos; em seguida, exploramos como o autor representa os espaços sertanejos nos textos selecionados; posteriormente, analisamos o modo como a questão agrária é tratada a partir das relações sociais de produção descritas e quais as repercussões ambientais das atividades identificadas no vale do Paraguaçu; e, por fim, apresentamos as considerações finais destacando a importância de combinar a análise dos múltiplos gêneros textuais produzidos pelo autor.

1. Milton Santos, jornalista e geógrafo

A construção da trajetória intelectual de Milton Santos pode ser compreendida a partir de três períodos: i) uma fase de formação geográfica e de produções jornalísticas, técnicas e acadêmicas voltadas ao contexto regional da Bahia (1948-1964); ii) o exílio provocado pelo golpe militar de 1964, com atuação enquanto pesquisador em universidades estrangeiras na Europa, América do Norte, África e América do Sul, e consultor da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) (1964-1977); iii) e o período marcado pelo seu retorno ao Brasil, com estabelecimento profissional na Universidade de São Paulo e publicação de trabalhos influentes no debate epistemológico em Geografia, no esforço de interpretação do Brasil e de reflexão sobre o fenômeno da globalização (1978-2001).

Nascido em 03 de maio de 1926, em Brotas de Macaúbas-BA, sertão da Chapada

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Diamantina, Santos teve uma trajetória construída em movimento desde a sua infância, já que a atividade de seus pais como professores do primário os havia motivado a buscar colocações profissionais fora da cidade de Salvador. Boa parte da sua infância foi vivida em Alcobaça-BA, cidade localizada na zona do cacau, antes de ir aos dez anos estudar em Salvador no regime de internato no Instituto Baiano de Ensino. Ao finalizar seus estudos escolares, Santos ingressa na Faculdade de Direito da Bahia, sendo introduzido em circuitos sociais da elite regional baiana. Foi neste âmbito que Simões Filho, dono do jornal *A Tarde*, conheceu Santos e o convidou para atuar no jornalismo.

Formado em Direito em 1948, Santos publica no mesmo ano o seu primeiro livro, *O povoamento da Bahia: suas causas econômicas* (Santos, 1948), para concorrer a uma vaga de professor catedrático de Geografia Humana no Ginásio Municipal de Ilhéus, na mais importante cidade da zona do cacau. Ali atua também como correspondente do jornal *A Tarde*, o que será oportunidade para refletir e escrever sobre a região. Como resultado, irá publicar em 1956 seu segundo livro, *A zona do cacau: introdução ao estudo geográfico* (Santos, 1957), operacionalizando a perspectiva regional da Geografia francesa centrada no estudo dos gêneros de vida. De volta a Salvador em 1955, é promovido no jornal a editorialista e passa a atuar como professor da Universidade Católica da Bahia. Ao participar do XVII Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro, em 1956, tem contato com vários geógrafos estrangeiros, dentre eles Jean Tricart, que supervisiona a sua pesquisa de doutorado sobre o centro da cidade de Salvador, desenvolvida na Universidade de Estrasburgo, na França.

Após retornar da França, Santos conta com o apoio do reitor da Universidade da Bahia, Edgar Santos, para criar em 1959 o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, a partir do qual desenvolveu suas atividades de pesquisa, assumindo como perspectiva teórico-metodológica a Geografia Aplicada com a qual tivera contato em Estrasburgo. Esta estava alinhada às expectativas desenvolvimentistas da Bahia no final da década de 1950 e foi a expressão teórica da atuação de Santos no planejamento regional naquele período (Leite, 2020). A ascensão profissional nos anos seguintes é constatada na sua eleição, em 1963, para presidir a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e na sua nomeação, no mesmo ano, como presidente da Comissão de Planejamento Econômico (CPE), feita pelo governador da Bahia à época, Lomanto Júnior.

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Em paralelo, a atuação no jornalismo também lhe concedia prestígio, tanto enquanto redator principal do jornal *A Tarde*, conforme relata Jorge Calmon (1996), quanto em atribuições externas. Santos foi também diretor da Imprensa Oficial da Bahia entre 1959 e 1961, e, depois de acompanhar a comitiva do presidente da República em viagem oficial a Cuba, em 1961, foi nomeado por Jânio Quadros Subchefe do Gabinete Civil da presidência, sendo o seu representante na Bahia.

Desse modo, não há como dissociar sua produção jornalística da acadêmica, sobretudo quando concentramos nossa análise nos temas da Bahia. Reunidos em livro por Maria Auxiliadora da Silva e William Antunes (2019), os artigos e editoriais publicados por Milton Santos no jornal *A Tarde*, de 1948 a 1964, abrangem um período no qual a atuação geográfica de Santos estava ainda em estruturação, e para a qual a escrita jornalística pareceu ser um espaço de elaboração e exercício de ideias posteriormente sistematizadas no texto acadêmico. Assim o são os trabalhos dedicados à zona do cacau, a Salvador e ao Recôncavo Baiano ou aos desafios do desenvolvimento da Bahia, no geral. No caso do nosso foco analítico, os espaços sertanejos são explorados dentro de uma preocupação mais ampla com a excessiva concentração demográfica e econômica em Salvador, suscitando prognósticos voltados à melhor integração territorial do espaço regional.

Os artigos que analisamos derivam de um trabalho de campo pelo vale do Paraguaçu realizado em 1959 no âmbito do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, usufruindo de cooperação técnica com a França para a realização de pesquisa encomendada pela Comissão de Planejamento Econômico do estado da Bahia. Dela participa Jean Tricart, geógrafo que já havia ido à Bahia em 1956 e 1958 por intermédio de Milton Santos, o que resultou na publicação de *Estudos de Geografia da Bahia: geografia e planejamento* (Tricart; Santos, 1958). O interesse em operacionalizar princípios da Geografia Aplicada sobre os problemas físicos e humanos do vale do Paraguaçu é verificável, portanto, na publicação de sucessivos trabalhos, tais como: *Programa de estudos geomorfológicos para o vale do Paraguaçu* (Tricart; Silva, 1959); *Programa de estudos de geografia humana para o vale do Paraguaçu* (Santos, 1960); e *As chuvas e o escoamento na bacia do Paraguaçu, BA* (Macedo; Silva; Chagas, 1961).

A indissociabilidade do olhar do geógrafo e do jornalista é, então, apontada por Santos SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

no início do primeiro artigo da série, intitulado *Sertão em fogo I – Onde o homem vive de sol e de esperanças*:

Quando se é, ao mesmo tempo, jornalista e geógrafo nem se pode ter férias. Um campo verdejante ou uma lavoura esturricada pela seca não podem ser somente uma razão de estesia ou de pena, mas uma paisagem a estudar e um assunto a explorar. Voltando de uma excursão geográfica que o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia empreendeu ao sertão, a pedido da Comissão de Planejamento Econômico, para quem estudamos o vale do Paraguaçu, deixamos para depois os resultados científicos. Mas, queremos trazer logo para os leitores da “A Tarde” o prato jornalístico (Santos, 2019a, p. 163).

Percebe-se, portanto, que o texto jornalístico cumpre uma função de comunicação imediata, mas tanto ele quanto o texto científico, geográfico, dedicam-se a explicar uma paisagem para além dos seus aspectos fenomênicos e estéticos. Conforme explicitado no *Programa de estudos de geografia humana para o vale do Paraguaçu*, Santos (1960) se refere a um conjunto de temas aos quais o estudo geográfico deve se dedicar, a exemplo das dinâmicas populacionais, as zonas de densidade e as de rarefação, os diversos usos da terra e o regime fundiário, os recursos naturais e as técnicas utilizadas pelos grupos humanos. São temas que a série jornalística sobre os “sertões em fogo” também privilegia, questão a que nos dedicamos a seguir.

2. A representação do sertão na análise de Milton Santos

Os discursos sobre as representações do sertão foram construídos por narrativas que permearam o próprio contexto interpretativo da formação brasileira. A compreensão do espaço simbólico chamado sertão é comumente realizada no âmbito literário a partir do que a obra de Guimarães Rosa é paradigmática. Em *Grande sertão: veredas*, Rosa constitui um retrato do Brasil que conjuga o recorte empírico dos sertões de Minas, da Bahia e de Goiás a uma perspectiva existencial afirmada em trechos como: “o sertão é dentro da gente”, “o sertão está em toda parte” (Rosa, 2019; Bolle, 2004). Mediante isso, é importante destacar o trabalho de Euclides da Cunha (2016 [1901]) por inverter os sinais valorativos em relação ao conceito de sertão, reconhecendo, a partir dos sertões baianos do Arraial de Canudos, um valor de autenticidade nacional em oposição ao mimetismo político e ideológico do Brasil urbano e litorâneo, em especial na passagem do século XIX para o XX em que as ideias pareciam estar

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

“fora de lugar” (Schwartz, 2012).

Desse modo, a discussão sobre o lugar do sertão na imaginação espacial da formação brasileira esteve sempre atravessada pela dualidade presente no debate que estruturou parte relevante do desafio de construção da identidade nacional, sobretudo aquela em torno da dualidade espacial entre litoral e sertão (Amado, 1995; Lima, 1999; Vidal e Souza, 2015). Tal dualidade foi empregada por meio da oposição entre civilização e barbárie, moderno e arcaico, e que seguiu como referência geográfica de um debate sobre a identidade brasileira atravessada pelas ideias de raça, progresso e, posteriormente, de desenvolvimento. Coincidente aos princípios geográficos que Moraes (2011) incorpora no sentido da construção nacional, o sertão é enfatizado como espaço simbólico a ser explorado, dominado e conhecido. Assim, o conceito de “sertão” foi compreendido na conjuntura histórica da formação territorial por meio de uma trajetória discursiva que teve o papel de formular a concepção de sertão em seu formato material e cultural.

O modo como Milton Santos mobiliza a ideia de sertão nos seus textos jornalísticos reverbera essa dualidade material e cultural, mas está também informada pela compreensão geográfica que situa o conceito no âmbito da tradição regional de matriz francesa, para a qual o sertão pode ser entendido como uma região ao estabelecer-se como um *gênero de vida* particular. Assim o fazem Tricart e Santos (1958, p. 12) em *Estudos de Geografia da Bahia* quando afirmam que:

Êsse fato [certa homogeneidade regional] já foi abrangido pela concepção popular, que criou termos como “sertão”, para traduzir a unidade geográfica do meio natural e do homem. O sertão compreende a vegetação escassa, rica em cactáceas, com manchas de solo nu, que traduz a aridez do clima e a fraca espessura dos solos. O sertão, também, exprime uma certa forma de civilização particular, um gênero de vida no sentido clássico de Vidal de la Blache: o sertanejo é criador de gado, mas de cabras e carneiros que de bois, e ameaçado permanentemente pelas secas, vivendo condições rústicas, pouco modificadas pela civilização moderna. As interrelações entre o meio físico e o homem parece uma emanção do meio físico: até mesmo o termo sertanejo deriva do que designa o ambiente.

O sertão possui, portanto, qualidades materiais bem definidas vinculadas aos elementos ambientais e sociais do Semiárido nordestino, e que reforçam as representações assentadas nas imagens de um espaço singularizado pela sua aridez, pelo atraso técnico e por modos de vida marcados pela ruralidade e rusticidade. Ao retratar as paisagens encontradas no trecho entre

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Itaberaba-BA e Andaraí-BA, no vale do Paraguaçu, inicia as descrições desse “sertão em fogo”: “as árvores cinzentas da evocação indígena, o ‘habitat’ dos bodes e ovelhas”, “o carrasco, a mata acaatingada, ou a própria caatinga bem autêntica [sic], as mil e uma formas de savana, plantas que se mascaram fingindo de mortas para melhor enfrentar as dificuldades do clima quando o sol é inclemente” (Santos, 2019a, p. 163).

A ideia de *sertão em fogo* parece ressaltar uma imposição dos atributos físicos da paisagem sobre os sociais, sintoma do baixo conteúdo técnico do meio geográfico sertanejo. Como afirmado por Tricart e Santos (1958, p. 12), “com poucos meios técnicos, o homem fica na dependência estreita da natureza e pode subsistir somente identificando-se com ela”. No entanto, essa representação do sertão apoiada nas qualidades ambientais atreladas ao clima semiárido está intimamente vinculada à estrutura fundiária e às relações sociais de produções, aqui situadas na menção ao *sertão em vara*.

Somente aqui e ali, onde caíram chuvas esparsas, onde o solo retém mais a água, ou perto dos rios e filetes d’água permanentes, é o domínio do verde. O resto – é quase tudo – é o sertão fogo, contrafação dolorosa daquele lírico sertão em “vara”, prepara a sua terra (um pedaço da terra dos outros) e fica espiando o céu. Mas agora só há nuvens. Ameaçam, fingem que vão cair, mas só fazem aumentar o calor e a impaciência. Aumentam, também, a esperança do caboclo, para quem a terra é uma religião e os elementos são dádivas divinas. Não blasfema contra a seca que lhe destrói a lavoura e a criação, porque as chuvas também vêm de Deus. E a chuva é tudo para eles (Santos, 2019a, p. 164).

O sertão em fogo não é elucidado sem as cercas de varas que compartimentam os currais, que sujeitam os homens sertanejos, os *caboclos*, a trabalhar na terra dos outros, dos latifundiários. A capacidade de agência do sertanejo parece aqui condicionada por esses dois fatores: o meio físico e o senhorio da terra. A relação com a terra, no entanto, é tomada como um ofício de fé para o qual o rio é fonte de esperanças, modo como Santos descreve o próprio rio Paraguaçu:

A esperança é o rio Paraguaçu. Se chove nas cabeceiras, ele pula do leito e mostra a sua força até perto da foz (...). Mas se não chove, ele também não morre. Estreita-se em seu leito menor, mas continua a correr. Não *corta*, jamais. Por isso, atrai as populações para junto dele, dá-lhes água fornece também para os que residem a distância de léguas, e é como uma providência (Santos, 2019a, p. 164).

Qualidade similar é atribuída ao rio São Francisco em outros artigos que Santos havia

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

escrito ao longo da década de 1950 no jornal *A Tarde*. Percebe-se, em análise perspectiva, que a representação do sertão nos textos jornalísticos de Santos oscila de uma posição na qual o *sertão* remete a qualidades genéricas atribuídas a certos espaços – ao modo como Moraes (2012) explora os usos do conceito no período colonial –, para outra em que *sertão* se refere à região semiárida nordestina, tal como consolidado por Andrade (1980) em *A terra e o homem no Nordeste*, e que Albuquerque Júnior (2019) descreve como “rpto do sertão pelo regionalismo nordestino”.

Antes dos sertões em fogo, Santos havia já se referido às *terras interiores* e aos *ínvios sertões*, intransponíveis ou de difícil acesso (Santos, 2019f), ou ao *opulento deserto*, “em que a monotonia das cores tão parecidas com a morte” caracterizava os sertões do rio São Francisco (Santos, 2019g). Já o sul da Bahia viria a ser caracterizado como o *sertão desconhecido*, de *matas inóspitas* que escondiam os perigos dos indígenas e das febres palustres (Santos, 2019h). Os *sertões em fogo* e sua contraparte fundiária adquirem, portanto, um referencial espacial bem definido e operacional à bacia do Paraguaçu.

3. Questão agrária e novas zonas pioneiras no Vale do Paraguaçu

A questão agrária é um tema incontornável na investigação dos sertões do vale do Paraguaçu e fica evidente na forma como Santos lida com a realidade fundiária encontrada e que ele caracteriza – aparentemente de modo metafórico – como feudal. Em suas andanças pelas regiões de Andaraí-BA e Lençóis-BA, Santos relata a história do Sr. José Américo, retratado como um “senhor feudal do século XX”, ao descrever que:

José Américo ou José de Américo, como outros chamam, é uma espécie de senhor feudal modernizado, que gosta de andar com doutores de anel no dedo, mas cujos escudeiros têm armaduras de couro: os seus fiéis vaqueiros. Sua canção de gesta é a cantilena em favor do desenvolvimento das Lavras. Ele se diz o cavaleiro andante dessa obra. É assim que comparece nas Cortes, em Salvador ou no Rio, sendo recebido como senhor feudal que ele é (Santos, 2019b, p.168).

As relações sociais de produção são tidas como atrasadas e de tom pré-capitalista, de acordo com o modo de utilização da expressão “feudal”, retrato do latifúndio, cuja concentração da terra encontra eficiência no domínio exercido por donos e senhores com seus vaqueiros na retaguarda. Em seguida, Santos explora as relações de trabalho pré-capitalistas características

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

da formação do campesinato brasileiro e que aqui são apontadas como equivalentes à servidão feudal:

Nessa zona, o arrendamento é às vezes teórico, pois não arranjando dinheiro líquido ao fim do contrato, tudo se resolve pela meação, uma espécie de servidão da gleba, em pleno século XX, uma sociedade comercial curiosíssima, que importa na seguinte divisão do trabalho: um lavra a terra com o suor do rosto e, no fim, o outro, porque é o dono da terra, fica com metade do resultado (Santos, 2019b, p.168).

Esse espaço arcaico é caracterizado por intermédio das relações sociais de produção, partindo da análise dos elementos da renda fundiária em que ocorre os regimes de meação, terça, ou quarteação, nas quais os lavradores, os caboclos, não possuíam a propriedade da terra e trabalhavam para os latifundiários, prestando serviços em troca de moradia e de uma terra para lavar. Destaca-se na reportagem esse tipo de subordinação na qual o trabalhador fica obrigado a prestar serviços e ceder parte da sua produção ao latifundiário. Portanto, percebe-se uma descrição das relações sociais de trabalho no sertão enquanto regime similar à “servidão”, submetendo o homem sertanejo às exigências “do senhor feudal”, o grande proprietário da terra.

Essa estrutura fundiária expressa o atraso técnico do meio geográfico, evidente pela precária infraestrutura de transportes e pela rusticidade dos métodos adotados na produção. Ao visitar uma experiência de colonização em Andaraí-BA, já na encosta da Chapada Diamantina, Santos relata o cenário de marginalização social e de abandono, o qual teria apenas beneficiado o latifundiário local (o mesmo José de Américo) ao vender parte de suas terras para o governo e ao pretender valorizar as demais a partir dos investimentos públicos decorrentes do núcleo colonial. O resultado, no entanto, redundou em “miseráveis casebres de palha ou de barro”, a ausência de toda e qualquer assistência técnica e o uso de práticas produtivas às quais Santos remete aos indígenas de modo pejorativo.

Pelo caminho, nada nos indicava estarmos percorrendo um núcleo colonial criado pelo governo, para melhorar (não é a sua finalidade?) as condições regionais da agricultura. Depois de longo percurso no verde escuro da mata, uma clareira, ao longo da entrevista, nos dava a esperança de que a sede do núcleo estava próxima. Qual nada! Era uma queimada, tão primitiva como as que faziam os nossos avós índios, bárbara, monstruosa. A impressão era desoladora. Tanto mais que era a única marca da presença do homem. Não havia casas, nas primeiras que vimos. (Santos, 2019c, p.169).

O núcleo colonial mencionado no texto remete às políticas de colonização do território e de imigração elaboradas a partir da criação do Instituto Nacional de Imigração e Colonização

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

(INIC) no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954). Essa política governamental tinha como objetivo interferir diretamente no planejamento de ocupação do território nacional, a fim de “enriquecer” o quadro demográfico brasileiro. Milton Santos realizou uma crítica sobre o núcleo colonial de Andaraí, na Bahia, afirmando que este não cumpria com sua finalidade.

Os objetivos destacados na ocupação territorial de áreas compreendidas como “vazios demográficos”, estabelecidos pelas políticas governamentais, estavam relacionados à oferta de melhores condições de vida para o trabalhador no campo, ampliando a área da agricultura, as oportunidades de trabalho por meio da assistência técnica e da oferta de crédito. Porém, Milton Santos denuncia a precariedade na qual viviam os habitantes dos núcleos coloniais:

Numa dessas palhoças moravam duas famílias, em uma promiscuidade tenebrosa. Homens e crianças tinham ar de quem não tomava banho há uma quinzena. Rostos sujos de barro, roupa suja de terra que lavraram e era sua única esperança. Disseram-nos, depois, que a água só podia ser conseguida a mais de uma légua de distância, trazida na cabeça ou no lombo dos burros, quando tinham (Santos, 2019c, p.170).

Neste trecho, caracteriza a real situação de pobreza e penúria em que viviam os lavradores e suas famílias no núcleo colonial. Assim, pode-se notar a decadência dessas colônias, sem obedecer a nenhuma das condições técnicas e de planejamento propostas pelo próprio órgão de colonização. Na estrutura do núcleo colonial, é identificada uma marginalização social formada por casebres. Neste texto, essa estrutura é comparada à forma urbana das favelas, resultado da má distribuição de renda e do déficit habitacional. Portanto, a semelhança do núcleo estaria no conjunto de casas compostas por moradias precárias, sem abastecimento de água e sem qualquer estrutura de assistência técnica. Entre vários aspectos ligados ao núcleo ao longo dos textos, ocorre uma interação com o próprio Sr. José Américo:

Vamos por partes. Como o Núcleo está encravado em terras do Sr. José Américo quaisquer estradas que se façam ligando-o aos centros comerciais beneficiam diretamente o “doador”. É o que está acontecendo, com a valorização de suas terras. Prova de que o homem é mesmo inteligente. (Santos, 2019c, p.171)

O governo federal e o INIC investiram na compra de hectares de terras para construir as instalações dos colonos, desenvolvendo as obras da sede e a construção de rede de estradas. O doador aqui apresentado é o grande proprietário de terra, o qual disponibiliza parte de suas propriedades para o governo em troca de indenização. Assim, percebe-se que o projeto de

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

colonização favorecia o grande latifundiário, enquanto os trabalhadores rurais não detinham condições favoráveis à agricultura. Dessa forma, Santos denuncia a concentração fundiária e a ineficiência das políticas governamentais de colonização agrícola e assistência técnica.

Se a estrutura fundiária e a seca são características de boa parte do vale do Paraguaçu, Santos destaca nos dois últimos artigos da série sobre o *sertão em fogo* a mudança da paisagem na Chapada Diamantina, entre Andaraí-BA e Lençóis-BA. A decadência da mineração nessa região de lavras de diamantes apresenta como permanências “os velhos e belos casarões” onde já houve consulados da França e da Alemanha. Vestígio desse passado, é também a composição racial da população herdada da ordem social escravista, que contrasta “[o] sertão branco, às vezes louro de olhos verdes e azuis; e a Chapada preta e morena. Quando se sobe a encosta do planalto, a transição é bem nítida” (Santos, 2019d, p. 173).

No entanto, novas atividades se instalam e antigas são retomadas, de modo que Santos (2019e) chegue a falar de zona pioneira numa região antiga e deprimida. O declínio da mineração e a desativação de pequenos engenhos do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) teriam cedido terras para a exploração de novas atividades, como a mandioca e a mamona, contando com financiamento do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste. Além da compra de terras, permaneciam relações sociais de produção como o arrendamento e a meação, utilizando terras já exploradas ou abrindo novas clareiras nas matas.

Destaca-se nos últimos artigos da série jornalística, a preocupação ambiental, expressa na crítica à ação de madeireiros – descritos como “ferozes inimigos, impiedosos e impunes, da natureza” (Santos, 2019c, p. 169) –, ao uso de queimadas para limpar a terra ou à retomada da mineração utilizando jatos d’água para lavagem do cascalho.

Esse é um belo (horrível) exemplo das más ações dos homens sobre a natureza: e de como ela pode voltar-se contra ele, se impunemente ofendida. A pessoa que é dona do garimpo lucra, sem dúvida. Mas a região e seus habitantes é que sofrem, a curto ou longo prazo (Santos, 2019d, p. 175).

Santos menciona a contribuição de Tricart ao visitar a região, chamando atenção para os efeitos dos rejeitos de mineração sobre os rios, interferindo no escoamento das águas nas enchentes e cobrindo a planície aluvial que poderia ser utilizada para agricultura de vazante. Sugere, ainda, que tais circunstâncias favoreciam o paludismo. Esse conteúdo cíclico das

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

frentes pioneiras, que Santos encontrara no médio e alto Paraguaçu, renovava os desafios ambientais decorrentes das atividades extrativistas. Por outro lado, o potencial agrícola do que ele chamara de “pioneirismo das terras vermelhas” (aquelas localizadas sobre a Diamantina) esbarrava não só na adversidade do meio, mas em uma estrutura fundiária baseada no latifúndio. Sobre o desafio de reter o homem em sua terra, Santos indaga os “doutores urbanos”: “que terra?” (Santos, 2019e, p. 179).

Considerações Finais

A interação entre os textos jornalísticos e acadêmicos de Milton Santos é um recurso interessante ao exame da sua produção em múltiplas fases de sua trajetória intelectual, a exemplo dos artigos escritos na Folha de São Paulo entre as décadas de 1980 e 2000. Ao explorar a fase inicial do seu trabalho, centrando-se na sua atividade jornalística no jornal *A Tarde*, da Bahia, verificamos que há uma indissociabilidade entre os seus textos jornalísticos e acadêmicos, de modo que expressam as possibilidades de intervenção crítica no debate público. Se na década de 1990 Santos se tornou um intelectual público a nível nacional, ele já exercia essa tarefa na Bahia anterior à ditadura militar, transitando em círculos políticos e intelectuais da elite regional.

Verifica-se, portanto, a elaboração de uma compreensão crítica das múltiplas regiões da Bahia, dentre elas aquelas denominadas ou atribuídas à condição sertaneja. Os estudos do vale do Paraguaçu indicam, desse modo, um processo de formação intelectual de mais de uma década, desde quando Santos publicara *O povoamento da Bahia* (1948), abandonando algumas convicções e assumindo outros objetivos ao seu trabalho intelectual. O planejamento territorial e a perspectiva aplicada do conhecimento geográfico o fazem olhar para os espaços sertanejos de uma maneira pragmática, reforçando alguns estigmas que atribuíam ao sertão as ideias de vazio demográfico e atraso técnico, mas elaborando também uma leitura crítica das estruturas sociais e econômicas que mantinham tal realidade.

Por fim, acreditamos que reexaminar esses textos é um exercício importante à reconstituição dos projetos intelectuais levados a cabo por Milton Santos, quais sejam o de produzir uma contribuição teórica ao campo da Geografia e o de elaborar uma interpretação

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. *Revista Rural e Urbano*, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

geográfica do Brasil. Se o conceito de *sertão* atravessou boa parte da imaginação geográfica brasileira, não se poderia abdicar de investigar como Milton Santos representou e pensou criticamente esses espaços. Há aqui um fio condutor entre o sertão e a cidade como dois polos geográficos da formação do Brasil. Ainda que Milton Santos veja na cidade (sobretudo nas metrópoles) maior espaço de manobra para a ação dos *homens lentos*, é nos espaços sertanejos que eles historicamente construíram e continuam a construir espaços de vida e de resistência.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, 1995, pp. 145-151.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

CALMON, Jorge. O jornalista Milton Santos. In: SOUZA, M. A. A. (Org.) **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 62-64.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora / Edições Sesc São Paulo, 2016.

LEITE, Gabriel. Pensando o espaço de todos: Milton Santos e a construção do campo do planejamento urbano e regional. **Novos Cadernos NAEA**, vol. 23, nº 2, 2020, p. 11-38.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representações geográficas da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

MACEDO, Nilda Guerra; SILVA, Tereza Cardoso da; CHAGAS, Dorcas Ferreira. As chuvas e o escoamento na bacia do Paraguaçu, BA. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 37, 1961, p. 13-28.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, nº 4-5, 2012.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2011.

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. **Revista Rural e Urbano**, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

ROSA, João Guimarães **Grande sertão: veredas** – “O diabo na rua, no meio do redemoinho”. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Milton. Sertão em fogo I: Onde o homem vive de sol e de esperanças. In: SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. (Orgs) **Milton Santos**: correspondente do jornal A Tarde: 1950-1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019a, p. 163-165.

SANTOS, Milton. Sertão em fogo II: Não se sabe a terra que tem – José de Américo, senhor feudal do século XX. In: SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. (Orgs) **Milton Santos**: correspondente do jornal A Tarde: 1950-1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019b, p. 166-168.

SANTOS, Milton. Sertão em fogo III: Núcleo colonial de Andaraí é uma balela. Tudo está por fazer, salvo o organograma e os casquetes azuis. In: SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. (Orgs) **Milton Santos**: correspondente do jornal A Tarde: 1950-1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019c, p. 169-172.

SANTOS, Milton. Sertão em fogo IV: Diamante ainda é estado de espírito – mas já começam a estragar a natureza os garimpeiros modernos. In: SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. (Orgs) **Milton Santos**: correspondente do jornal A Tarde: 1950-1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019d, p. 173-176.

SANTOS, Milton. Sertão em fogo V: lavouras sem água, lavradores sem terra abrem uma zona pioneira com os seus próprios meios. In: SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. (Orgs) **Milton Santos**: correspondente do jornal A Tarde: 1950-1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019e, p. 177-179.

SANTOS, Milton. Em defesa da Bahia. In: Silva, M. A.; Antunes, W. (Orgs.). **Milton Santos**: correspondente do Jornal A Tarde: 1950 - 1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019f, p. 107-109.

SANTOS, Milton. Panorama do São Francisco baiano. In: Silva, M. A.; Antunes, W. (Orgs.). **Milton Santos**: correspondente do Jornal A Tarde: 1950 - 1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019g, p. 114-115.

SANTOS, Milton. O povoamento do sul. In: Silva, M. A.; Antunes, W. (Orgs.). **Milton Santos**: correspondente do Jornal A Tarde: 1950 - 1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019h, p. 118-120.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. **Revista Rural e Urbano**, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

SANTOS, Milton. Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Rio Paraguaçu. **Revista Brasileira dos Municípios**, nº 49/52, ano XIII, 1960, p. 57-60.

SANTOS, Milton. **Zona do Cacau**: introdução ao estudo geográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANTOS, Milton. **O povoamento da Bahia**: suas causas econômicas. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. (Orgs) **Milton Santos**: correspondente do jornal A Tarde: 1950-1960. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019.

TRICART, Jean; SANTOS, Milton. **Estudos de Geografia da Bahia**: Geografia e Planejamento. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.

TRICART, Jean; SILVA, Teresa Cardoso da. **Programa de Estudos Geomorfológicos para o Vale do Paraguaçu**. Universidade da Bahia, 1959.

UNIVERSIDADE DA BAHIA. Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 25, nº 1, p. 130-138.

VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Editora UFG, 2015.

SANTOS, Bárbara; MACHADO, Thiago Adriano Os sertões em fogo e a questão agrária: análise de textos jornalísticos de Milton Santos na década de 1950. **Revista Rural e Urbano**, v. 10, n. 01, p. 01-17, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2525-6092. Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2025.267486>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.